

PARTE IV

EGITO ANTIGO – ANTIGA E MÍSTICA ORDEM ROSAE CRUCIS – AMORC

CAPÍTULO XVI

Akhenaton e Nefertiti; Poemas de minha autoria; O surgimento da AMORC em Brasília (Pronáos, Capítulo e Loja); Minha Mestria; Fé, uma questão de lógica; Qual o seu ideal?

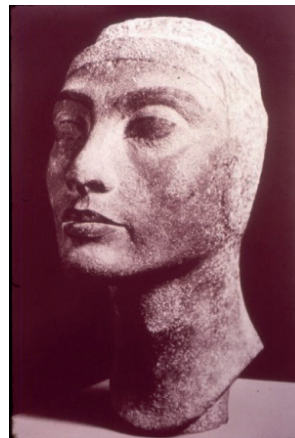
Como já disse, no capítulo III, quando visitei o Cairo, no Egito, despertou em mim uma imensa curiosidade sobre a história do Antigo Egito a qual comecei a estudar e pesquisar. Principalmente quando meu querido amigo Allan Kardec Guimarães Fortes me passou os documentos para ingressar na Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis – AMORC, da qual me tornei estudante desde 1967. Não é uma religião. É uma filosofia e eu passei a receber quatro monografias por mês, às quais lia com muito interesse e dedicação. Ali, aprendi, que se o estudante tivesse alguma religião, não deveria colocá-la em choque, somente guardá-la em uma gaveta que, mais à frente, iria compreender as semelhanças.



O fato é que Amenofis IV tinha uma visão monoteísta do mundo, em uma época em que o politeísmo campeava. Para tudo, existia um Deus e seus sacerdotes. Por exemplo, se você desejava proteger a sua casa contra raios, orava ao Deus dos Raios e Trovões e pagava tributo aos seus sacerdotes. A mesma coisa se queria que chovesse na sua plantação, orava para o Deus da Chuva

e pagava tributo a seus sacerdotes e assim em diante, com o Deus do Rio Nilo, da saúde, etc. Quando se tornou Faraó, trocou seu nome para Akhenaton, ou Aquenaton, cujo significado é “aquele que louva Aton”. Então o Deus era o Sol? Errado. O sol, para ele, era a maior expressão do Deus único na Terra. Se cada um de nós tivesse de escolher o que melhor traduz a magnificência do Deus Único na Terra, talvez escolhêssemos o sol, como fez o faraó. E tem mais. Na época, era proibido estudar ou pesquisar as origens dos fenômenos naturais e, principalmente, os “dons” da vida do homem. Aquenaton não só pôs de lado o culto a AMON – o maior dos deuses – passando a louvar o Sol – RA “em nome do Deus Maior”, como também instituiu as “Escolas de Sabedoria”, para que fossem estudados e pesquisados os fenômenos físicos e psíquicos relacionados ao homem.

O Faraó, juntamente com sua esposa a rainha Nefertiti, costumava saudar o sol, reverenciando-o todas as manhãs,



quando nascia no Leste. Um dia, o sacerdote supremo procurou a rainha e lhe relatou um fato que vivenciara naquela manhã. Contou-lhe que abriu os braços, na horizontal, para saudar o sol que nascia, mas, depois, virou-se para saudar, também, onde ele iria se pôr, no Oeste. Nesse momento, o sol que nascia projetou no solo a sua sombra em forma de cruz. Justo naquele momento, sua visão psíquica o fez perceber uma rosa pousada no cruzamento de seus braços com seu corpo.



Ao término do relato do sacerdote, a rainha Nefertiti exclamou: “Uma rosa sobre a cruz! Que belo símbolo para a Ordem que o faraó está criando!”. Acima, nas fotos da rainha, coloquei a tradicional e a face inacabada da bela Nefertiti, encontrada nas ruínas de Tell El Amarna, cidade que foi fundada por seu marido, o faraó. Aliás, Nefertiti quer dizer “a bela que veio”,

A história que Moisés escreveu no Velho Testamento (Gênesis), não menciona o nome do Faraó que rei-

nava no Egito por ocasião da fuga dos judeus daquele país.

Por outro lado, a história do Antigo Egito é conhecida somente através das vitórias dos Faraós, que mandavam registrá-las, em hieróglifos. E é graças a esses registros que, hoje, conhecemos o que lá se passou. Como a fuga dos judeus se constituiu em uma derrota, o faraó não autorizou o seu registro. Com isso, o nome do faraó que reinava à época de Moisés, é praticamente desconhecido.

A Bíblia é imprecisa e a data, mesmo que aproximada, é passível de controvérsias dos especialistas no livro sagrado. Na verdade, considerando as hipóteses dos mais afamados estudiosos, concluímos que a época de Moisés está inclusa entre 1400 AC e 1250 AC. Neste período, reinaram no Egito os seguintes Faraós: Akhenaton (Amenófis IV), Tutankamon, Horemheb, Ramsés I, Seti I, Ramsés II e Merneptah. Outro ponto a considerar é que a história comprova que os egípcios daquela época não eram facilmente enganados. E não é isso o que se pretende concluir com as lendas e relatos bíblicos sobre as águas do Nilo tornarem-se vermelhas como sangue, a morte dos peixes, as diversas pragas e pestes que, como por magia, assolaram o Egito. A morte dos primogênitos e até a abertura do Mar Vermelho. Outro aspecto a considerar é a alimentação, por quase 40 anos no deserto, através do “maná”, recebido dos deuses.

Há, no entanto, uma versão histórica, de origem rosacruz

e das Escolas de Mistério do Antigo Egito, plena de lógica e coerência, já confirmada por alguns historiadores, como é o caso de Ahmed Osman em seu livro “Moisés e Akhenaton – A História Secreta do Egito no Tempo do Êxodo”.

O Egito era governado pelo Faraó Akhenaton (Amenófis IV, 1352 / 1338 AC – XVIII Dinastia), sabidamente o primeiro poderoso governante monoteísta da história, para quem o sol (ATON), não era o Deus, mas a Sua expressão máxima, na Terra, como Divindade Única, responsável pela Criação e Governo do Universo.

O Faraó sabia que, quando de sua morte, o politeísmo voltaria a imperar no Egito. Akhenaton era amigo de Moisés e viu, no Profeta, a única maneira de levar o monoteísmo para fora do Egito e garantir sua disseminação ao resto do mundo.

Para isso, articulou com Moisés tudo o que se fazia necessário para a “fuga” dos judeus, fingindo acreditar nas pragas e nas ameaças, ao mesmo tempo em que lhes garantia a segurança, inclusive alimentar.

Mesmo depois da morte de Akhenaton, com o retorno do Egito ao politeísmo, tal apoio continuou existindo, de forma clandestina (o maná dos deuses), graças ao leal amigo e comandante de seu exército, o general Horemheb, que continuou nas funções até ser aclamado, no futuro, o último faraó da XVIII Dinastia egípcia.

Com a morte de Akhenaton, os sacerdotes de Amon, voltaram ao poder e o politeísmo regressou à terra dos faraós. Entretanto, o sonho do monoteísmo fora levado por Moisés para fora do Egito e suas “Escolas de Sabedoria” passaram para a clandestinidade, passando a serem chamadas de “Escolas de Mistério do Antigo Egito”. Se o caro leitor for pesquisar, a biografia de quase todos os grandes filósofos gregos relatam que passaram em torno de um ano e meio nessas escolas. Mas isso é outra história. O que interessa, no momento, é que a Ordem Rosacruz – AMORC, tem sua origem tradicional no faraó Akhenaton, ou Akenaton. Eu me filiei a ela em 1967 e até hoje sou um estudante rosacruz, com uma característica: sou muito interessado na história do Egito Antigo, o que devo à minha visita, já citada.

Cheguei a escrever um poema, em 12 setembro 1965:

O EGITO



*Terra distante, fantástica e muda, em cujo solo foi visto Jesus!
Tu és mistério guardando a verdade, templo de trevas que ocultam a luz!
Tuas areias lançadas aos ventos num remoinho qual peças de um jogo,
São testemunhas dos Dez Mandamentos que Deus gravou no Sinai com Seu fogo!*

*Os teus desertos, os maus profanaram: ou Júlio Cesar ou Napoleão,
ou Alexandre ou incontáveis guerreiros, os mensageiros da destruição!...
Mas teus segredos estão bem guardados das crueldades que ainda persistem.
Se soterrados, a areia os conserva ou, se visíveis, heroicos resistem.*

*Quantos mistérios manténs bem ocultos lá nas entranhas soberbas da Esfinge,
O monumento que se ergue no tempo, desde esse tempo que a história não atinge?
Tua Pirâmide um repto lança aos engenheiros, cientistas e sábios:*

Contém a chave da origem do mundo? Quiçá o primeiro murmúrio de lábios?

Sim, nem as lendas conseguem chegar aos verdadeiros, reais construtores

Desses imensos colossos de pedra, os do deserto fiéis guardadores.

Mas a ciência não tarda em provar o que se diz desses dois seus gigantes:

um povo, outrora, ergueu esses templos, obra imortal de uma raça: os Atlantes!

Oh! Nilo, rio de bênçãos divinas, em cujas águas salvou-se Moisés!

Os faraós esqueciam as pompas e ajoelhavam e oravam a teus pés! ...

És mais que um rio, és dádiva santa que o povo adora e que sempre adorou.

Dizem, em prece, que foi a Suprema Misericórdia de Deus que o criou!

Enfim, em tudo que é teu, há mistério. Paira em teus céus um lamento infinito:

é a ânsia da origem do mundo em mostrar-se na história antiga e secreta do Egito!...

A estrutura atual da AMORC consta da Suprema Grande Loja, em San Jose, na Califórnia, que visitamos, como já disse. Em Curitiba, existe a Grande Loja do Brasil a qual tem seus corpos afiliados, dependendo de uma série de condições, Lojas, Capítulos e Pronãos. Quando iniciei, em Brasília, o Pronãos 25 de Novembro funcionava provisoriamente em um casebre que também servia a uma igreja evangélica. Participei dos contatos com o Governo do Distrito Federal para conseguir o terreno na avenida L4 norte do Plano Piloto, em Brasília. Quando conseguimos, lembro-me bem que uns 15 ou 20 de nós nos reunimos no terreno ainda virgem, em início de 1968, nos demos as mãos, foi feita uma oração e, com a palavra livre, declamei um poema que havia feito, sobre o Amor.

O AMOR

*Não permiti que se chame de AMOR
A essas paixões corriqueiras da vida
Onde a atração é ilusão passageira,
Dura um momento e, depois, é esquecida.*

*Seja, o AMOR, um sutil sentimento,
Todo harmonia a fundir corações.
Seja a doçura, a ternura, o alento
E a consonância de tais emoções.*

*AMAR é em todos sentir-se viver.
AMAR, também, é por todos sofrer.
É consagrar-se em renúncia da vida
Em benefício de causa ou de um ser....*

*Tal como o mar, o AMOR é profundo,
Onda que envolve e a todos conduz.
É como o céu infinito do mundo,
Onde o Senhor é seu foco de Luz...*

*AMOR, potência Divina e Eterna,
Une universos, as almas e os céus.
Tudo e a todos fecunda e governa,
Fruto bendito dos olhos de Deus...*



Levantamos uma casinha simples, para funcionar o Pro-nãos provisoriamente, enquanto construimos o projeto definitivo. Eu fui frequentador assíduo. Então, foi transformado em Capitulo, do qual fui Mestre Adjunto, em 1970, ano R + C 3323, do Mestre João Mansur Junior. Ora, para ser Mestre, o Frater ou Soror precisa ser Mestre Adjunto no ano que antecede a sua Mestria. Cumprindo essa norma, eu deveria ser o Mestre em 1971. Como descrevi no Capítulo V, acima, no início de 1971 soube, de repente, que o Exército havia me matriculado, em caráter excepcional, no curso da Escola de Aperfeiçoamento de Militares (EsAO), no Rio de Janeiro. Não havia como fugir.

Entrei em contato com o Frater Mansur e me dirigi a Grande Loja, em Curitiba, justificando a minha impossibilidade de cumprir a Mestria em 1971. Fazer o que? Fui para o Rio...

Corria o ano de 1984 (R + C 3337) e eu, novamente, morando em Brasília, era o Mestre Adjunto do Frater Floriano Peixoto de Albuquerque. Finalmente, chegou o ano Rosacruz 3338 e eu assumi a Mestria. A foto abaixo é da minha equipe ritualística.



Da esquerda para a direita:

Paulo Ramos – guardião interno - Adriana – cantora - Douglas – sonoplasta - Bonesso – guardião externo - Paulo Uchôa – Mestre - Maria Martins – recepcionista - Anselmo – capelão Loucival – cantor - Sentadas: Nice–Matre, ladeada pelas adoráveis Columbas Andréa e Djanine

Na cerimônia ritualística de minha posse, como Mestre, aconteceu algo inusitado, para mim. Como era previsto, o Mestre que assumia ficava isolado, em meditação, numa pequena sala anexa ao grande Templo, até que todos se acomodassem. A entrada era em fila indiana e, um a um, tinha que saudar o Shekina, o coração do Templo. Para se ter uma ideia, o tempo para a meditação do Mestre que ia assumir, deveria chegar aos 15 ou 20 minutos. Pois bem, eu estava em oração e meditação, quando tive uma visão. Eu sabia que era uma experiência psíquica. Vi o templo, as pessoas entrando e algo no chão, que parecia uma sujeirinha. Pensei que fosse um descuido do guardião interno, na preparação do Templo. Eu sabia que não estava sendo visto, me aproximei e me abaixei para pegar a tal

sujeirinha. Qual não foi a minha surpresa. Não era sujeira, tratava-se do alfinete de lapela com a efígie de Alexandre, o Grande, que mencionei no capítulo IV, na parte em que descrevo minha visita à Atenas. Peguei o objeto e voltei para a salinha. Desfeita a visão, escuto bater, suavemente, na porta por onde eu deveria entrar no Templo. Abri e os dois guardiães – interno e externo – me aguardavam, com os oficiais ritualísticos nas suas posições e os membros presentes todos de pé. Escoltado pelos guardiães, um de cada lado, me dirigi para o Leste do Templo, local onde seria empossado. Foi tudo muito solene, como são os rituais rosacruz. Entretanto, eu estava emocionado e curioso com relação à visão psíquica que tive. Quando terminou tudo, já fora do Templo, no momento da confraternização, fui procurado por umas 4 (quatro) ou 6 (seis) pessoas, todas elas reconhecidamente sensíveis, indagando-me quem era o personagem alto, que entrou no Templo atrás de mim e dos guardiães. Essas testemunhas não souberam dizer de onde surgiu e para onde foi. Eu, por mim, não tive dúvida. Apesar de eu não perceber sua presença, ele deu uma prova de que estava ali. Era Alexandre Yog, meu filho. Não divulguei o fato/fenômeno, que só agora revelo, por escrito.

Durante a minha Mestria comemoramos o Jubileu de Prata do Rosacruzianismo em Brasília.

Muitas reuniões, cerimônias e rituais emocionantes preencheram aqueles momentos. Segue-se uma síntese do discurso que proferi, na ocasião:

“Um, evento, no entanto, emocionou a todos os Rosacru-



zes que, naquela tarde agradável de 30 novembro de 1985, acomodaram-se no salão social da Loja Brasília, para assistir, sob a inspiração do Frater Helio Fernandes, a um

retrospecto da história do Rosacruzianismo no Planalto Central, segundo um texto de sua autoria, dramatizado, misto de sério, jocoso e místico. Foram momentos de concentração, relaxamento, alegria, saudade, emoção, lágrimas, gargalhadas, enfim, algo que, certamente, estará registrado nos Arquivos Acásicos como um momento de profunda integração de uma comunidade composta por membros que amam, que desejam servir, que sabem o que querem, que sabem o que são, que sabem para onde vão.... Vamos aguardar as nossas BODAS DE OURO, na continuidade do desabrochar de uma Rosa que nasceu Eterna, no Planalto Central Brasileiro, em 04 Dez de 1960.”

Também é de minha autoria o discurso que escrevi como FRC (Frater Rosae Crucis), que transcrevo a seguir:

FÉ - UMA QUESTÃO DE LÓGICA

Por Paulo R Yog M Uchôa - FRC

“Nos dias de hoje, qualquer que seja a filosofia ou religião professada, não há quem discorde da afirmação de que vivemos, simultaneamente, em dois mundos, ou dimensões: um visível e outro invisível. O primeiro, conhecido como o mundo material (três dimensões de espaço) como sendo o percebido por nossos limitados sentidos físicos, ou seja, aqueles que muitos ainda julgam, por falta de informação ou reflexão, ser o mais importante deles, principalmente quando existe demasiado apego às coisas materiais.

O segundo, o invisível, é o que contém um infinito de forças e energias de toda ordem, e no qual estamos irremediavelmente imersos. Não vemos a força da gravidade agindo sobre a maçã que cai, a corrente elétrica acendendo a lâmpada, as ondas de rádio da nossa favorita estação FM, o oxigênio do ar que respiramos, a radiação do urânio que nos queima a pele, os raios X que fotografam nossos ossos, etc, só percebidos pelos seus efeitos/consequências ou mediante a utilização de equipamentos sofisticados postos a nosso alcance na medida permitida pelo grau de tecnologia atingido.

A ciência nos induz à verificação de que é no mundo invisível que se encontra a verdadeira majestade e poder da Natureza, que alguns identificam com a Majestade e Poder de Deus. Nesse fantástico mundo invisível, as leis são de uma precisão e rigor absolutos. Quanto mais refinada e sutil a energia, mais difícil e complexa é a tecnologia para trazê-la à percepção humana, como também mais poderoso ou grandioso o seu efeito sobre o mundo físico. Nesse ponto, é interessante observar que nossa humanidade é uma criança que mal começa a dar seus primeiros passos em direção a conhecer-se a si mesma e ao universo. Por outro lado, quão maravilhosos é constatar que a consciência do homem se situa nesse mundo invisível e que nosso corpo físico nada mais é do que um “aparelho” – confeccionado com uma tecnologia que ainda estamos longe de possuir – que lhe serve de veículo para sua manifestação no mundo visível da densidade da matéria, onde os objetos e corpos são passíveis de destruição e, por isso mesmo, têm duração limitada.

No dizer de Lavoisier, “na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”. Essa afirmação já está sobejamente consolidada com respeito ao mundo visível que, no caso, representa o ambiente onde ocorre a “criação”. Já no mundo invisível, as forças e energias que o compõem, simplesmente existem, pela eternidade, como instrumentos habilidosamente utilizados pelo Criador para a confecção de Sua Grande Obra, operando segundo Suas leis perfeitas, imutáveis, implacáveis e divinas.

A Criação, portanto, objetiva ao mundo físico que, em seu eterno vir-a-ser, só tem um caminho, o da evolução, do aprimoramento, nela não havendo lugar para retrocessos.

Durante milhões de anos, a Terra “foi preparada” através de infinitas mutações, até atingir um ponto de adequação tal que lhe permitisse condições para a manifestação, em seu seio, da vida vegetal. Outros milhões de anos foram necessários para que a vida animal pudesse, também, por ela, ser abrigada. Prosseguindo em seu trabalho sempre evolutivo, a natureza foi aprimorando a organização dos veículos vegetais e animais, tornando-os mais sofisticados e

complexos. Dos monocelulares aos mamíferos foi um longo caminho até culminar na maravilha do homem individualizado, cuja delicadeza e perfeição da estrutura possibilitou, finalmente, a manifestação de sua “obra prima”, a consciência humana, que informa a Personalidade-Alma dos da nossa humanidade.

Chegamos, então, ao ponto que mais nos interessa nessas considerações. Se nada se perde, segundo Lavoisier, se tudo se transforma, cumprindo uma dinâmica comprovadamente de aprimoramento contínuo, quão reconfortante nos é compreender que a chamada “morte” do corpo físico no mundo visível não significa, de forma alguma, o desaparecimento da consciência e da personalidade-alma que à ele, efetivamente, não pertencem. Iria a Natureza, que nada destrói, justamente abrir uma exceção, fazendo perder-se logo a sua “obra prima” que, além do mais, como vimos, não pertence ao mundo físico?

Podemos quebrar a lâmpada, mas tal ato não implica afetar a corrente elétrica presente no sistema. O objeto quebrado estava estruturado pelo homem para criar claridade ou luz, no ambiente, utilizando-se da corrente elétrica. Outros aparelhos poderão substituir a lâmpada que quebramos. E o mais impressionante é que, fazendo uso da mesma corrente que acendia a lâmpada, outros aparelhos irão funcionar para finalidade distintas, como alimentar geladeiras, computadores, liquidificadores e mais uma infinidade deles que precisam daquela energia para justificar a razão de ser de sua criação. E olha que estamos falando só da energia elétrica... Que dizer da infinidade de outras que a nossa ciência vai perlustrando a cada dia, cada uma mais sutil e poderosa que a outra, como é o caso das energias atômica e quântica.

A centelha cósmica que constitui nosso verdadeiro ser, em cada “aparelho” que a Natureza vem criando e aperfeiçoando para seu “habitat” através dos tempos, faz progredir, não a ela em si – imutável, perfeita, eterna e divina –, mas ao próprio “aparelho” que lhe permite expressar-se no mundo físico, com um grau de expansão cada vez maior da consciência que lhe é atributo. Questionar sobre o objetivo

desse processo, talvez induza uma resposta relacionada com o próprio Criador, que prepara o homem de hoje no sentido de que, no mundo de amanhã, venha a contar com um formidável contingente de obreiros (co-criadores) que o possam auxiliar na Sua Criação.

Sob este ângulo, nossa centelha cósmica está em plena escalada para o infinito, visto que vai habitando, aqui e acolá, aparelhos ou corpos que lhe permitem a manifestação física de acordo com a estrutura e o desenvolvimento desses mesmos aparelhos ou corpos, segundo leis imutáveis e pouco conhecidas, tal como aquela que os rosacruzes costumam chamar de “Carma”, uma espécie de lei de causa e efeito em nível cósmico.

Como nos versos de Rimbaud:

*No grande coração solar do Universo,
os pássaros de ouro se reúnem em perfeita harmonia.
Ali, tudo é aurora, Paz, Comunhão...
O homem não olha em vão para o sol
e reclama Luz e Calor...
Seu desejo maior é ser consumido no êxtase
de fundir sua pequena chama
com o fogo central do Universo.”*

Segue-se um outro discurso que escrevi para a Loja Rosacruz de Brasília:

QUAL O SEU IDEAL?

Por Paulo R Yog M Uchoa - 1974

“Normalmente a palavra ideal é interpretada como a esperança de obtenção de um estado ou condição, que representaria como que REALIZAÇÕES nos vários campos das atividades humanas, quais sejam: profissional, familiar, social, etc. Teríamos, então, um ideal para cada um desses campos.

No nosso modo de entender, o verdadeiro IDEAL, único e com letras maiúsculas, é aquele que se encontra por trás de todos esses ideais secundários e que não se constitui de aspirações a serem conquistadas.

A convicção plena de que estamos colocando, em nossas ações e pensamentos de todos os minutos de nossa existência, o máximo de nossas possibilidades em busca da coerência com aquilo que nos é ditado pela parte imaterial de nosso Ser, é, verdadeiramente, o caminho certo para atingirmos a esse grande IDEAL.

Qualquer que seja a religião, sabemos que o homem, como criatura vivente, é constituído de uma parte material - seu corpo físico - e uma imaterial - sua Alma, ou qualquer outro nome que se queira dar. A luta pela sobrevivência tem conduzido o homem a deixar que domine, em si, o seu lado material, dando poucas, muito poucas oportunidades à manifestação de sua outra parte.

Aí, acreditamos, se encontra o nosso IDEAL, qual seja, o de procurarmos, através da introspecção na busca da compreensão da Realidade Maior, permitir que essa nossa parte imaterial se expresse cada vez com maior intensidade.

Encarados sob o ponto de vista material, somos indivíduos distintos e independentes e, por isso mesmo, ilusoriamente perenes e verdadeiramente temporários. A consistência e a Realidade de nosso Ser, por estranho que possa parecer, está, exatamente, em nossa outra parte, na imaterial, que é aquela que nos faz genuinamente irmãos, ao nos construir de uma única e mesma Essência.

Assim, vamos ampliando a nossa consciência e procurando agir e pensar de acordo com essa Verdade que compreendemos, tendo como meta um IDEAL integrado, que é o de estarmos convictos de que estamos colaborando, com uma pequena parcela que seja, para que, eventualmente, nossa Humanidade venha a se constituir numa verdadeira FRATERNIDADE UNIVERSAL.”

Enfim, minha Mestria transcorreu maravilhosamente bem.

No dia 25 de julho de 1996, a Loja Rosacruz de Brasília – AMORC, em cerimônia conduzida pela Mestra Janete Mayer recebeu, dos filhos de Alfredo Moacyr de Mendonça Uchôa, representados na ocasião por mim, a doação de 740 livros da biblioteca de meu pai.



O tempo passou e chegou a data para as comemorações das Bodas de Ouro da Ordem Rosacruz, no Planalto Central Brasileiro, em dezembro de 2010. Fui convidado a participar, mas, infelizmente, na época, eu era Secretário

Nacional de Políticas Sobre Drogas e estava em viagem à serviço nos EUA. No entanto, me fiz representar por um texto, que me foi pedido, para ser lido na ocasião.

Hoje, continuo ativo como estudante Rosacruz, junto à Grande Loja do Brasil e à Loja do Distrito Federal. Desde 1967, com já disse, sou membro da Ordem, recebendo 4 monografias por mês, para estudar, experimentos a realizar e relatórios a enviar. Há muito tempo que pertenço à Hierarquia Esotérica.